

Revista de Antropofagia

Direcção de ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

Gerência etc. de RAUL BOPP

Endereço: 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.º Pav. Sala 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.269 — SÃO PAULO

Ascanio Lopes

Com vinte e dois anos Ascânio Lopes morreu no dia 10 de janeiro em Cataguazes. No dia 9 (como Carlos Drummond de Andrade me lembrou) eu dizia no *Diário da Noite* de São Paulo que o menino-poeta tinha futuro garantido. E tinha mesmo. O que mais me agradava nêle era a timidez misturada com a malícia. Atravez de suas cartas e de seus versos eu percebia um Ascânio bom, muito bom mesmo. Porém essa bondade êle guardava e escondia. De forma que os de fora a ignoravam. E embora a culpa fosse sua ou não fosse de ninguém, Ascânio se vingava com a malícia. Êle mesmo deixou transparecer isso comoventemente numa poesia chamada *Ambiente de infância*.

O pouquinho que Ascânio escreveu dá de sobra para a gente lastimar o que deixou de escrever. Foi embora quando ainda estava no comêço e a gente sente saudade daquela esperança. Acreditava na literatura e na literatura do Brasil. De vez em quando se metia a estudar assuntos graves. E nunca brincou. Não via na poesia moderna (como tantos) apenas um pretexto para ousadias engraçadas e molecadas cínicas. Trabalhava honestamente. Sabia o que fazia e queria fazer direito, fazer sempre melhor.

Outra cousa que êle também sabia era sofrer. A doença que o matou em certos períodos não lhe deixava tempo senão para acompanhar passo a passo a aproximação do fim. Há 41 dias que *estou de febre brava* (assim me escrevia em maio de 28) e *estou proibido de ler, escrever, levantar, mexer, etc. E acrescentava: Agora mesmo a febre aumenta*. Isso com uma letra que ia crescendo como a febre dêle.

Rosário Fusco escreveu antes dos versos do *Fruta de conde*: ... e que ninguém nunca se esqueça de Ascânio Lopes. Pois é claro que quem o conheceu não poderá esquecer, Rosário Fusco.

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

BANZO

—*—

Subiu a toada
dos negros mocambos
Sahiu a mandinga
de pretos retintos
vestidos de ganga.

Quillengue, Loanda,
Basuto e Marvanda
fazendo munganga
tentando chamêgo
cantando a Changô.

Escudos de couro,
pandeiros, ingonos,
batuques e danças.
Palhoças pontudas
com ferros nas lanças.

Ferreiros compridos
de barro batido.
Cantigas e guerras
com sobas distantes.
Caçada ao leão...

Caninga de chôro
zoada de grillo.
Campina de canna
com agua tranquilla...
... a voz do feitor.

Mucanas cafuzas
moleques zarombos.
Na noite retinta
a toada subia
dos negros mocambos...

(Natal).

LUIS DA CAMARA CASCUO.

DORES DO INDAYÁ

Uma rua velha e vazia,
 uma casa velha e vazia,
 uma vida velha e vazia.

A poesia das cousas humildes
 morrendo, morrendo...

(Meu Deus, fazei com que o dia de amanhã
 seja diferente do dia de hoje!)

**morrendo com o
 habito.**

(Minas)

EMILIO MOURA.

RETRATO DO BRASIL

O que mais me admira no Brasil
 não é o rio Amasonas — o maior do mundo!
 E nem as florestas e as riquezas,

as maiores do mundo!

O que mais me admira no Brasil

é a preguiçosa confiança que nós temos

nessas coisas todas — as maiores do mundo!...

(Bello Horizonte).

JOÃO DORNAS FILHO.

LEIAM:

PAULO PRADO — *RETRATO DO BRASIL* (ensáio sôbre a tristesa brasileira).

TRISTÃO DE ATHAYDE — *ESTUDOS* — 2.ª série (crítica).

MÁRIO DE ANDRADE — *ENSAIO SOBRE MÚSICA BRASILEIRA* (crítica e folclore).

JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA — *A BAGACEIRA* — 4.a ed. — (romance).

GUILHERMINA CESAR e FRANCISCO PEIXOTO — *MEIA PATACA* — (versos)

ROSARIO FUSCO — *FRUTA DE CONDE* — (versos).

Uma adesão

PEDRO DANTAS

Como quer que se julgue a obra do sr. Tristão de Athayde e a sua posição intelectual, não é possível negar a singular importância que têm na nossa vida literaria as suas atitudes e os seus pronunciamentos. A autoridade moral, a cultura e a inteligência do critico souberam fazer-se respeitar do publico difficil que lê as crônicas literarias dos jornais (autores, amigos dos autores, inimigos dos autores e às vezes o cidadão ingênuo que procura se pôr ao par da literatura francêza contemporânea" o sr. Bernard Fay deu ao capitulo sobre Barrès o titulo de "*Maurice Barrès ou La littérature hausse le ton*". Da mesma forma, quem quizesse traçar um panorama da nossa literatura neste primeiro quarto de século, poderia dedicar ao sr. Tristão de Athayde um capitulo intitulado "A critica literaria levanta o tom". Efetivamente, si refletirmos no que era a critica brasileira ha pouco mais de dez ânos, não poderemos deixar de reconhecer que o biógrafo de Afonso Arinos realizou uma obra relevantê de modernização e de aperfeiçoamento. Muito antes dêle já tínhamos, é certo, a lucidez admirável de João Ribeiro. João Ribeiro, porém, é duplamente filósofo, tanto no sentido proprio da palavra como no popular, talvez mais, até, neste ultimo: não liga muito á critica. Si nunca deixou de assinalar os seus lugares aos raros livros bons que de longe em longe aparecem, teve e ainda tem muitas vezes condescendências culposas para os imprestaveis e os mediocres. E' partidario do "laisser faire, laisser passer", ao menos em literatura. O sr. Tristão de Athayde, ao contrario do defensor teórico da lingua nacional, já pôde ser justamente qualificado de "homem sem malicia" (1). A sua tendência é para o trágico, o sombrio, o doloroso, o difficil. E' um homem que timbra em levar tudo profundamente a sério, a começar pela sua função de critico. Isso importa em dizer que êle não sabe passar sem, ao menos, um pequeno ativo de convicções firmes, sem um ponto de vista e de apoio, de onde se lhe apresentam deformadas as coisas, que êle julga, entretanto, pelo aspecto parcial, unilateral, que conhece. Para empregar uma imagem cara a Cocteau, êle não

gira em torno do objêto. Limita-se a observa-lo do lugar onde está. A consequencia direta desse modo de ser é uma tendencia instintiva para impôr o seu ponto de vista, pela estranheza que lhe causa o que se vê dos outros. Para impôr, digo mal, mas para considera-lo como o verdadeiro, o unico legitimo. Daí certa feição evangelizadora da sua critica e o receio que lhe infundem os que êle considera "germens d edissolução" do espirito porue ameaçam a unidade e a segurança da construção do seu sistema pessoal. Tais germens êle os combate como é possível, mas improvavel ue Euclides combatesse as geometrias não-euclideanas: em legitima defesa. Não podendo admitir, por instinto de conservação, ue outra visão do mundo se imponha em detrimento da sua, imagina que o que se perderia por amor dessa outra havia de ser o mundo mesmo e não sómente a sua visão.

Todas essas observações não querem dizer que se trate de um espirito intolerante ou preconceituoso. E' simplesmente um sistemático. Também não seria esato pensar que êle não muda de opiniões e de filosofia. Tem mudado até muito. Já atravessou o estado de espirito de umas tres gerações, no minimo. Mas comporta-se daquêle modo relativamente a cada posição. Variam os seus pontos de vista, mas cada um é como si fosse o unico. E de cada vez êle deve pensar comsigo: "Agora sim, acertei".

Por tudo isso a atividade do sr. Tristão e Athayde vem sendo empregada de preferencia no ataque aos ditos elementos dissolventes. Dentre êles a perspicácia do critico logo destacou o sr. Oswald de Andrade e seus companheiros de antropofagia e pau-brasil, como os mais perigosos e temiveis. E é principalmente a esses que costuma opôr toda sorte de valores, embôra infinitamente menos interessantes, (a terceira corrente e outras do mesmo gênero) por serem mais estaveis, pois o sr. Tristão de Athayde acredita na virtude da estabilidade. E é, da mesma maneira, a esses, que êle vive pregando uma acção construtora certamente a tornar-se conservadora e lhe parece de necessidade urgente.

O que mais o preocupava no

sr. Oswald de Andrade era a falta de confiança que este lhe inspirava, aquêla continua impressão de terreno movediço, que perturba e arrasta ao desequilibrio. E êle censurava a eterna brincadeira em que se compraz o sr. Oswald de Andrade, esprobava-lhe a leviandade das atitudes, a alegria, o bom-humor. Tinha saudades do Oswald precioso e tétrico dos "Condenados". Achava uma pena, um sacrificio inesplicavel que um homem como o sr. Oswald de Andrade capaz de lagrimas e desgraças, andasse pelo mundo, tranquilo e sem remorsos, se divertindo. E traçava do autor de João Miramar retratos pessimistas, mostrando-o frivolo, inconstante, "blagueur", modernista snob, circulando entre os salões ricos de S. Paulo e os cafês literarios de Paris, tomando a sua "watermanzinha" para escrever... O "Retrato de mim por Tristão de Athayde", em suma. E concluia pelo perigo de vir a mocidade incauta a seguir um homem como esse, que substituiria o nosso habitual excesso de literatura por uma infra-literatura e que, a pretexto de corrigir um erro, o substituiria por outro, de sinal contrario.

Agora, porém, escrevendo sobre o "Retrato do Brasil" do sr. Paulo Prado, o sr. Tristão de Athayde, citando o inquerito sobre a civilização americana, a que se procedeu ha alguns ânos nos Estados Unidos, concorda com as conclusões de Harold Stearns, que o organizou, e applicando-as ao Brasil, diz testualmente o seguinte: "Penso apenas que não devemos nos abandonar ou recorrer com êle (Paulo Prado) às soluções do desespero e sim fazer como esses trinta norte-americanos sinceros e corajosos — rirmos de nós mesmos".

Mas não é precisamente essa a solução do sr. Oswald de Andrade e o que êle tem realizado na ultima parte da sua obras? Si essa tendência não esplica por si só toda a riqueza humana e o lirismo intenso do poeta do Esplanada, é entretanto a significação mais imediata e evidente de seus livros. Está, pois, de parabens o sr. Oswald de Andrade, por mais essa valiosa adesão. Pois é fóra de dúvida que com aquêlas palavras o sr. Tristão de Athayde entregou os pontos. Nem mais nem menos.

(Rio de Janeiro).

(1) Sergio Buarque de Holanda, artigo no "Jornal do Brasil".

4 POETAS

GUILHERMINO CESAR E FRANCISCO I. PEIXOTO — *Meia-Pataca* — Cataguazes — 1928.

Meia-Pataca é o nome de um riozinho de Cataguazes. Nos tempos antigos tinha ouro. Hoje é água e mais nada. Mas a água possui lá a sua poesia que é a de Guilhermino Cesar e Francisco I. Peixoto.

O primeiro ainda não se livrou daquella tristesa sem fundamento visível dos poetas que prometem. Tristesa que a gente não pode levar a sério. Os versos dêle têm sempre uma interrogação, uma dúvida, uma pergunta de descrença ou desconsólo. O assunto não difere do comum brasileiro e actual. Porém o que está dentro é bom anunciado melhor. A fala por exemplo é clara e forte:

*Campeiro queimado de sol
vai ver o trabalho dos seus companheiros
nas galerias de ar frio
na noite constante!
Mineiro das minas gerais
você não acorda?
Vai ver o trabalho dos outros mineiros
dos mineiros-mineiros enterrados na mina
ouvindo os patrões em fala estrangeira!*

Sensibilidade alerta, maneira pessoal ainda não muito definida mas reconhecível, desembaraço, procura, gosto lírico, tudo isso a gente encontra e chupa que nem uma bala na poesia de Guilhermino Cesar.

Francisco I. Peixoto é mais irreverente e gozador. O que não impede o desejo que tem de um

*...coração mais forte
Mais resignado, mais cheio de paciência
Pra poder aturar de cara alegre tanta amolação
E pra aguentar com o peso infame dos pensamentos futuros...*

Mas no geral faz perguntas embaraçosas a Jesus, Fernão Dias Paes Leme e ás namoradas. Está no período de caçada e tem medo dos que virão depois. E' bem dêsse grupo menino de Cataguazes ainda brincando no colo do futuro. Co-

nheceu a poesia muito criança e ainda não tem por ela o devido respeito. Por enquanto são namoricos sem consequência. Lá de vez em quando um gesto mais cheio de intenções deixa adivinhar a ligação brava de amanhã. Então o verso virá feito agarrar a gente.

Rosario Fusco fez um desenho na capa que eu acho bem interessante.

HUMBERTO ZARRILLI — *Libro de imágenes* — Montevideo — 1928.

Humberto Zarrilli é co-autor de uma série de livros de leitura para crianças que conquistou o primeiro prêmio no concurso organizado faz pouco tempo pelo Conselho Nacional de Ensino Primário e Normal do Uruguai. No *Libro de imágenes* a gente percebe ás vezes o escriptor-professor inteligente. A's vezes só. Porque quasi sempre a poesia adulta fala seus desejos, desejos maduros:

*Era mi enorme pena el no tener
ninguna
Recibe mi tristeza como un huésped alegre.*

Zurrilla é terno, ama as cousas da rua, saúda contente os quinze anos da vizinha que están repicando por toda la casa,

fica embevecido deante de uma criança que mama, abençoa a mulher grávida cujas

...caderas tienen ondular de cuna fala a cada instante do céu, das nuvens, do vento, das estrélas, canta o vinho, as mulheres e a sua cidade,

la del rio como mar.

Tem até repentes de violeiro:

*Nube ausente de la tierra,
hoy tu destino comprendo:
El agua por la que vives,
la das un dia muriendo.*

Poeta amável a quem a gente retribue com a mesma simpatia dêle por tudo e por todos dêste mundo.

ROSARIO FUSCO—*Fruta de conde* — Cataguazes — 1929.

O livro são oito poesias ca-

bendo em dezoito páginas apenas. Dirão que Rosario Fusco é bastante moço ainda, tem muito tempo deante dêle, tem muito talento dentro dêle, podia esperar mais um pouco e publicar cousa de outro porte. Mas eu compreendo isso muito bem. Quem progride tem uma pressa danada de mostrar que está progredindo. Não se contém: vai logo na rua passear o jaquetão novo.

Fruta de conde apresenta de facto menor número de defeitos e qualidades bem mais acentuadas do que a parte do autor nos *Poemas cronológicos*. A prova está patente neste *Poema*:

*Na tarde clara sem ventilação
eu estava bem refestelando a vista
na roçaria de bom trato.
Gente vinda do serviço gazoava alegre
pelo caminho endomingado e limpo.*

Um cheiro bravo vinha vindo sôlto da aragenzinha e a gente suspirava êle banzando gostoso como quê!

Paz de distâncias...
Necessidade de coisas não era preciso não e a gente percebia que a vida, pensando bem é boa mesmo. Quasi que eu falei zuretamente: EU VIVO!

Não era preciso desejo nenhum naquêlo momento. Porém meu sexo forte desejou tanto você que eu senti na tarde clara sem ventilação nenhuma você encolhida, se encostando...

Há ai alguma cousa diferente daquêlo brasileirismo infantil que é o sarampo da nossa meninada poética. Os versos vêm mais pesados e como o pêso é de poesia mais ligeiros, envolventes, simpáticos. E' a idade que vai aumentando, ganhando sensações novas, se abrindo para novos desejos. Rosario Fusco não precisa se afobar. O passaro está voando sem dúvida, mas o poeta tem na palma da mão a fruta que êle procura.

A. DE A. M.

ANTROPOFAGIA?

MARIO DE ANDRADE

Ando lidando bastante com feitiçaria aqui no Nordeste e acho que esta comunicação que segue pode interessar aos cultores da antropofagia... filosofica paulista. Se trata do Mestre (Santo) Antonio Tirano. Eis a scena que se passou entre mim e os dois feiticeiros meus informantes, gente sarada dos catimbós de Natal.

Eu escrevia na pauta as rezas que os dois juntos me cantavam e tomava em seguida as informações sobre o Mestre a que a reza pertencia. Os dois catimbozeiros já estavam com a lingua solta, sem cerimonia, depois de varias horas de conversa e almoço bom no meio. Eu escrevia.

— ...porque Turuatá é tambem Mestre caboclo (indigena) frexador malevo Bem para cegar os outros... Gosta de trabalhá cum cobra. Fura o oio da cobra na intenção da pessoa a quem que cegá e cega. Chega a cumê pedaço de cobra, cru, mais cauim (por aqui, nos catimbós, qualquer álcool forte)

— Eu já sigurei uma jara-raca pr'êlé cegá!

— ...foi discipulo do grande malfeitô Antonio Tirano (eu escrevendo) que para a gente tê trabalho dele tinha-se que dá pr'êlé um filho, uma... uma pessoa da familia assim...

Parou.

— Mas como é?... Tinha-se que matar essa pessoa, é?

Os dois estavam desapontadissimos, rindo amarelo.

— Não sabemos não sinhô...

— Esse nem tem linha (reza cantada)... Não se invoca não...

Voltei a escrever pra evitar aos dois a sensação de examinados.

— E' logico que vocês não invocam êle, sei bem. Mas podem me contar. Minhas notas são pra estudo, que o Mestre seja bom ou ruim não tem importancia não. Então êle obrigava o mestre a sacrificar alguém...

— E'... exigia sempre sangue humano...

— Sinão não trabalhava, heim! que safado!

— Prifiria sangue de crian-

ça... Mas não se invoca mais!

— Mas ás vezes aparece, não?

— A's veiz ...

— E quando aparece faz estrepolia?

Nova e sempre muita hesitação. Respondeu com má vontade:

— Faiz, sim sinhô...

— Pede sangue?

— Pede, sim sinhô...

— Pede pra beber?...

Arrancou:

— Eu num sei, não sinhô! Esse a gente não invoca não!

Eu escrevendo textualmente como está. O outro, mais palavroso, mais esperto, que cursara até o terceiro ano do Ateneu, de Natal, se calara. Parei de escrever, insisti, perguntei. Não foi possivel tirar mais nenhuma informação util ao meu amigo Osvaldo de Andrade. O outro mais humilde e mais feiticeiro tambem, se fechara em copas meio desconfiado. Voltei a escrever. Esse, o mais humilde, acrescentou reflexivo:

— E' uma biografia desgraçada...

(Natal — janeiro 1929).

Dança de Caboclo

ACHILLES VIVACQUA

Na noite bonita
acordam cantigas:

— (Vamos vê plantá vassoura
minha Yayá)

Mulatos sarados
com longos penachos.

Mulatos dengosos
em bambos requebros

— arco na mão

—pra lá

—pra cá

— (vassourinha de botão
minha Yayá)

Corpos de usucum
com tangas de pena

— mulatos suados
— (ao redó de sua saia
minha Yayá)

o mastro enfeitando
de fitas rodeiam.

O arco se curva.
A flecha faz que vae
mas não vae não

— (Ao redó de seu balão
minha Yayá)

pra cá

—plaff

pra lá

— plaff

Na noite bonita
dormem cantigas

— (Ya — yá...)

Mulatos cançados.
Tangas de pena.
Mastro de fita.

(Belo Horizonte)

QUANDO EU MORRER

A Alceu Amoroso Lima

AUGUSTO SCHIMIDT

Quando eu morrer o mundo continuará o mesmo.
 A doçura das tardes continuará a envolver as coisas todas,
 Como envolve neste mesmo instante.
 O vento fresco dobrará as arvores esguias
 E levantará as nuvens de poeira das estradas —
 Quando eu morrer as aguas claras dos rios rolarão ainda
 Rolarão sempre alvas de espuma...

Quando eu morrer as estrellas não cessarão de se acender no lindo céu nocturno
 E nos vergeis onde os passaros cantam—as frutas continuarão a ser doces e boas.
 Quando eu morrer os homens continuarão sempre os mesmos
 E se hão de esquecer do meu caminho silencioso entre elles.
 Quando eu morrer os prantos e as alegrias permanecerão
 Todas as ancias e inquietudes do mundo não se modificarão.
 Quando eu morrer a humanidade continuará a mesma
 Porque nada sou — nada conto e nada tenho
 Porque sou um grão de poeira perdido no infinito.

Sinto porém, agora, que o mundo sou eu mesmo
 E que a sombra descera por sobre o universo vasio de mim
 Quando eu morrer...

Brevemente :

- ALCANTARA MACHADO — *O bandeirante na intimidade* — (estudo sôbre os inventários paulistas do século 17).
 MARIO DE ANDRADE — *Compêndio de história da música*.
 RUBENS DE MORAES — *Essencialmente agrícola* — (contos).
 ANTÔNIO DE ALCANTARA MACHADO — *Lira paulistana* (coleção de modinhas).
 OSWALD DE ANDRADE — *Serafim Ponte-Grande* (romance).

Empreza Graphica Ltda.

Livros, Revistas
 Edições de luxo
 serviços
 commerciaes

Rua Sto. Antonio, 17
 Teleph. 2-6560
 S. PAULO

OS TRES SARGENTOS

(ROMANCE)

Capítulo 2.º

A PONTE DOS AMÓRES

YAN DE ALMEIDA PRADO

III

O ponto onde aquela gente re-flue, é quasi na certa, o botequim. Veio de longe a onda imigratória, compacta e profunda, até se desfazer e sumir no término, que é o destino. Porém, depois de desfeita, ainda consegue por mil percursos, rebalsar na tasca em que se vende parati.

Entre a soldadesca, que representa a maior clientela da venda, dá-se o caso de existir gerarquia até nas bebidas. Quando são recrutas ou praças razas, costumam entornar diariamente alguns cálices de caninha pura, e porfiam em ver quem bebe mais. A' medida que se vão graduando, ao subir de cabo á sargento, já substituem a pinga por cerveja. Por fim, o indício da ascensão a postos superiores, é o uso de copos de leite, á noite, antes de recolher.

Demonstra com antecedência, o pretendente aos galões, o desejo de seguir as pegadas dos officiaes, que ele viu se transformarem de soldados magruços e maltratados, em tenentes e capitães de tez clara e corada, apertados na farda cinzenta pelas banhas de burguez prospero.

Seguindo o costume do meio, os sargentos de cavalaria mais o ginasta, bebiam cerveja (já tinham aspas douradas) a espera do companheiro. Conversavam sem reparar a desordem do lugar. Estavam acostumados a confusão dos botequins no começo do mez, depois do pagamento. Fingiam não ver os soldados, que a sua presença repelira para o belcão do portuguez, cuja presença era-lhes constrangedora; abreviavam a demora e logo saíam.

Quando o recruta entra para o quartel, não tem nome, não merece atenção, representa apenas um autómato, é um número. A seguir, aos poucos, nas interminaveis palestras do ócio militar, é que dá a sua origem, bom ou pérfido, honesto ou malandro, e comunica as ambições ou desalentos que o animam ou infelicitam. Porém é principalmente no botequim, á roda da mesa ou deante do balcão, que readquire nome e personalidade. Com o decorrer do tempo, recebe divisas, deixando de ser um número para se tornar o cabo fulano ou o sargento sicrano. Volta a ser gente. E' a conclusão

do primeiro ciclo da Força Pública.

Naquele mesmo botequim da esquina, costumavam se encontrar os tres sargentos, desde o começo da vida militar na milícia, quando eram soldados e fugiam da presença dos superiores, tal qual como agora os subordinados se afastavam deles.

O mais corpulento dos tres, o que tinha tez clara e cabelos castanhos, chamava-se António, era sulriograndense. O mais magro e moreno, Cassiano, viera da melhores cavaleiros do regimento-Baia, e era tido como um dos to. O último, Cândido — fora batizado em Minas por gente devota sob auspicio daquele adjectivo para ser puro na vida — era de todos o mais mulherengo e feliz em namoros.

António largara dos amigos, para perseguir as mulheres da avenida Tiradentes. Cândido fora provocado pela mulatinha do Jardim. Cassiano percebera o negacear da rapariga, e avisara o companheiro que não vira fita. Justificava o baiano, o faro que lhe atribuiam em surpreender olhares, combinações, recados, começos de "simpatia", e tornava-se o pavor dos que, perto dele, tentavam "cavações". Costumava atrapalhar os outros, achando enorme graça quando estorvava ou estragava o namoro de alguém, ou então, protegia a aproximação, e depois espalhava para meio mundo o caso que surpreendera colocando num embrulho danado a vítima e o eróe. Ao sair do parque, ele percebera que as mulheres da avenida estavam de trato feito com o grupo de bombeiros da esquina. Deixara propositalmente António se atirar a elas, afim de "gosar", como dizia, o aspecto desanimado e divertido do companheiro quando voltasse da infrutífera caçada.

Enquanto esperavam o rapaz, continuavam bebendo. Cândido silencioso, distraido pela lembrança da mulatinha que lhe ficava viva e irritante na memória, não ligava para os visinhos. O ginasta tinha-se empenhado em tremenda discussão com Cassiano, a propósito do que mais podia desenvolver a musculatura de um homem, o regime da cavalaria ou o do "Pavilhão de Educação Physica".

Questões semelhantes apaixonavam a soldadesca, que volta e meia, levantava tremenda bulha a respeito da superioridade de uma arma sobre as outras, de cavalarios sobre infantes, hombeiros sobre músicos, pessoal do Corpo de Saúde sobre os cozineiros, e vice versa até o infinito.

— Eu de muito moço, dizia o ginasta, cntrei para a policia de Sergipe...

— Ué você foi praça no Norte? Perguntou Cassiano, admirado de vir a saber somente naquela noite um pormenor de pessoa que conhecia ha muito tempo.

— Sou filho de Sergipe.

— Eu andei por lá, tambem fui praça no Norte, na policia de Alagoas, mas aquilo era uma p... de policia que passava mezes sem pagar a gente.

— Em Sergipe é a mesma coisa. Pois como eu ia dizendo, de mocinho sentei praça na policia onde tinha um tio que era sargento. Você que andou por lá sabe o que é aquelas caminhadas, quando a gente sae por ali afóra em diligência que não acaba mais. Aquilo é só andar, andar, debaixo do sol, no fim a gente fica com as pernas que é só nervo.

— E' mesmo, condescendeu o baiano que em rapazelho fora próprio de recados.

— Bem. Aquí, no Pavilhão, é a mesma coisa. Nós na ginástica começamos com ginástica sueca...

— Não desenvolve o corpo.

— Como não! Do primeiro dia que eu cheguei, eu estava ainda mais ou menos acostumado a andar muito, o patrão na roça muitas vezes me mandava rodear o sitio, depois, tinha tambem trabalhado de enxada ai pelo Interior, fiz muita carpa, não estava de corpo mole não. Mesmo assim fiquei quebrado. Logo que acabou o passo acelerado em volta do barracão, comecei a sentir canceira, que foi indo, foi indo, chegou de noite estava que não podia mais mexer.

— Sim, era falta de exercicio.

— Ai é que está. E nós fazia aquilo todo o dia, cada vez chegando no mais duro, enquanto vocês, nem tem comparação...

(Continúa)

BRASILIANA

X

PURITANISMO

Telegrama de Santa Lusia (Goiaz) para *O Globo* do Rio de Janeiro, n. de 7-1-1929:

"Acaba de ser expulso do tiro de guerra de Santa Lusia o Sr. Nagibe Salomão Filho, syrio naturalizado, pelo motivo de ter tido uma amante até ha poucos mezes. O caso tem sido muito comentado, fazendo-se necessaria a intervenção do ministro da Guerra."

RESPEITO

De uma discrição do presépio armado em casa do sr. José Maria do Espirito Santo Filho, feita pelo *Minas Geraes* de Bello Horizonte, n. de 1-1-1929:

"No presepio, propriamente dito, bem disposto, com naturalidade, vê-se sobre palhas o corpo debil do Menino Deus recém-nascido, tendo a adoral-o Maria Santissima e S. José, bem como os pastores que haviam acudido á voz do anjo annunciando o miraculoso facto.

Encontram-se alli, como que em attitude respeitosa, como se tivessem podido comprehender o alcance do que se dava, diversos animaes."

PARABENS

Noticia publicada pelo *O Gladio* de Quipapá (Pernambuco), n. de 7-1-1929:

"MANOEL GOMES ROSA — Esse nosso amigo tem, na data de hoje, um grande regosijo pela passagem do seu anniversario natalicio. Espirito lucido, inspirado poeta, agil prosador e um dos mais progressistas industriaes deste municipio, é grande e invejavel o conceito que frue na sociedade quipapaense. *O Gladio* parabemisa o illustre anniversariante."

CONDOLÊNCIAS

Noticia (respeitadas a ortografia e a redacção) publicada pela *A Liberdade* de S. José dos Campos (S. Paulo), n. de 24-1-1929:

"JOÃOSINHO — Falleceu no dia 18 o filho do nosso prezado amigo João de Oliveira Costa e sua distincta senhora, o joãosinho como é geralmente conhecido, apesar de pequeno é um homem, infelizmente apos uma breve enfermidade, zobaudo da sciencia falleceu rodiado dos seus, o seu sepultamento deu-se no dia seguinte, acompanhado de grande numero de amigos da familia, notamos entre outros o Snr. Cel. Cursino presidente do Directorio Republicano, o snr. Eliziario Guimarães e outros, a morte do Joãosinho foi muito sentida, a familia ilutada apresentamos lhe as nossa sentidas condulencia."

CARNAVAL

De uma correspondência de Maceió (Alagoas) para *O Paiz*, do Rio de Janeiro, n. de 30-1-1929:

"O carnaval deste anno promete grande animação. Formaram-se já diversos grupos familiares e entre elles o dos Gondoleiros, especial da familia Alexandre Nobre e do qual faz parte o proprio governador Alvaro Paes e além de muitas outras pessoas de destaque, que se reuniram na residencia do Dr. Gama Melcher, gerente da Fabrica Progresso Alagoano."

BALCÃO

LIVROS PROCURADOS

Por YAN DE ALMEIDA PRADO (avenida Brigadeiro Luis Antonio, 188 — S. Paulo):

— S. L. J. — "Historia de El-Rei D. João VI".

— Zaluar. E.A. — "Peregrinações pela Provincia de S. Paulo".

— Titara. L. dos Santos — "Memorias do Grande Exercito Alliado".

— Alvarenga Peixoto — "Obras" — em primeira educação.

— Duarte de Albuquerque Coelho — "Memorias Diarias".

— José da Silva Lishoa — "Historia dos principaes successos". — 2 vols. 1826-1830.

Por MANOEL BANDEIRA (rua do Curvello, 51 — Sta. Tereza — Rio de Janeiro):

— Mac-Carthy — "Viagem na China".

Por RUI NOGUEIRA MARTINS (Caixa Postal n. 1414):

— J. J. Machado d'Oliveira — "Geographia da Provincia de S. Paulo".

— J. J. Machado d'Oliveira — "Quadro Historico da Provincia de S. Paulo".

Primeira edição.

— Simão de Vasconcellos — "Vida de Anchieta" — Em bom estado.

— Manoel Monteyro — "Compendio Panegyrico do P. José de Anchieta" — 1660.

— Massena — "Poesias do Veneravel P. José de Anchieta". — Roma — 1863.

A assinatura anual

da

REVISTA DE ANTROPOFAGIA

custa

RS. 5\$000

Pedidos acompanhados de vale postal

para

Caixa do Correio n. 1.269

SÃO PAULO